

Índio no cinema: o outro que somos nós

Por Gil Carvalho

Quando se pensa em “índio” em nossa sociedade, o que geralmente vem à mente pouco tem a ver com a realidade. Ideias diversas, tanto positivas quanto negativas, são acionadas, indo desde o selvagem antropófago até o protetor das florestas. O que não se percebe de imediato é que essas imagens e valores a respeito deles foram historicamente construídas e os mecanismos mais frequentes nessa construção são os meios audiovisuais.

O índio aparece no cinema brasileiro muito cedo: as expedições do Marechal Cândido Rondon, na década de 1910, registraram as tribos que iam encontrando pelo caminho, nas regiões centro-oeste e norte do país. Ainda nas primeiras décadas do século 20, essa produção documental, de valor mais etnográfico, foi acrescida de obras de ficção. Apenas dois romances clássicos de José de Alencar foram levados à tela cinco vezes em 15 anos: *O Guarani* teve quatro adaptações, em 1912, 1916, 1922, 1926, duas dirigidas pelo italiano Vittorio Capellaro, que também filmou *Iracema* em 1917.

Outras versões deste mesmo romance foram realizadas décadas depois: em 1949 por Vittorio Cardineli e Gino Talamo, com Ilka Soares, Mario Brasini e Luis Tito; e novamente em 1979, com o título *Iracema a virgem dos lábios de mel (1879)*, por Carlos Coimbra, com Helena Ramos e Tony Correia. Do mesmo modo, *O Guarani* teve outra adaptação em 1997, por Norma Bengel, com Márcio Garcia e Tatiana Issa nos papéis de Peri e Ceci. Todos esses filmes, porém, em geral buscam ser fiéis à obra literária de origem, que constrói os personagens dentro da visão do romantismo, em que os indígenas são os bons selvagens, eventualmente corrompidos pela sociedade. Essa representação rousseuniana serviu naquele momento para estabelecer a brasilidade.

A problematização da questão do índio só vem nos anos 1970. Produções como *Como era gostoso o meu francês (1971)*, de Nelson Pereira dos Santos, com Arduíno Colasanti, Ana Maria Magalhães, uma alegoria sobre a relação entre colonizador e colonizado, cuja proposta seria os nativos literalmente devorarem o europeu, num processo de apropriação do conhecimento através da antropofagia, ou *Iracema, uma transa amazônica (1976)*, de Jorge Bodansky e Orlando Senna, estrelado por Paulo César Pereiro, em que índios e brancos são vítimas do daninho processo de ocupação da Amazônia a partir da construção da rodovia transamazônica, um dos delírios megalomaníacos da ditadura brasileira.

Uirá, Um Índio em Busca de Deus (1973), de Gustavo Dahl, com Érico Vidal, João Borges. Gustavo Dahl e Ana Maria Magalhães, conta a história de um índio que abandona sua aldeia no interior do Maranhão em busca de Maira, o criador do mundo. Na trajetória, é preso em São Luís e depois solto por um funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, que o usa para mostrar como os indígenas precisam da tutela do Estado.

A expansão de temas e perspectivas continuou nos anos 1980, com em *Índia, a Filha do Sol (1982)* de Fábio Barreto, com Gloria Pires, Nuno Leal Maia, Sebastião Vasconcelos, no qual uma índia se apaixona por um militar que está encarregado de intervir em um garimpo irregular mas que pretende se aproveitar da situação para enriquecer ou em *Avaeté, semente da vingança, (1985)* de Zelito Viana, Hugo Carvana, José Dumont, Marcos Palmeira, Claudio Marzo, Renata Sorrah conta a história de um pequeno índio que sobrevive a um massacre comandado por um empresário agropecuário no centro-oeste do País, e alimenta desejos de vingança mesclado ao choque cultural quando chega a São Paulo.

A diversidade de produções inclui ainda (e não apenas) o infanto-juvenil com cunho ecológico *Tainá - Uma aventura na Amazônia (2001)* por Tânia Lamarca e Sérgio Bloch, com Eunice Baia, Betty Erthal e Luiz Carlos Tourinho, que teve uma sequência, *Tainá 2, a aventura continua (2004)*, dirigido por Marco Lima, com Eunice Baia, Kadu Moliterno, Chris Couto e Leandro Hassum.

Muitos outros filmes poderiam ser citados, mas a mudança radical veio com o projeto **Vídeo nas Aldeias**, coordenado por Mari Corrêa e Vincent Carelli desde 1987. Se no primeiro momento o que se vê são registros dos modos de vida dos indígenas em seu habitat, logo eles passam de objeto a sujeito, empunhando as câmeras de vídeo e narrando por imagens a sua própria história. Experiências diversas têm sido feitas envolvendo grupos de todo o Brasil com resultados cada vez mais instigantes. Passar do auto-documentário, da auto-etnografia para a ficção pode ser apenas uma questão de tempo. Oficinas, exposições, intercâmbios estão sendo proporcionados para que eles aprendam a construir e a ter controle sobre suas imagens e sua história audiovisual. A criação de histórias ficcionais com roteiro, atuação e direção de indígenas poderá ser um desdobramento natural desse movimento.

Mais informações no site www.videonasaldeias.org.br